IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO SEXUAL PARA ADOLESCENTES – UM RELATO DE CASO

EIXO 06 - CORPO, GÊNERO E EDUCAÇÃO / AXIS 06 - BODY, GENDER, AND EDUCATION (ONLINE)

Ana Clara Oliveira Neves [1]
João Soares da Cunha Neto [2]

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um relato de um Projeto de Extensão, cuja temática abordava gravidez precoce e Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Diante disso, a fim de trazer a temática sexualidade à tona, o público-alvo foi adolescentes da rede pública e privada, do ensino médio, pois, uma que vez que essa faixa etária é marcada pela impulsividade e pelo desejo de relações afetivas, a falta de educação sexual e a repressão cultural deixam os jovens vulneráveis, no que tange a saúde reprodutiva, reflexo de tabus históricos e culturais que perpetuam a desinformação. Logo, torna-se imprescindível abordar a sexualidade no contexto educacional de forma respeitosa e adaptada às diferentes idades.

Palavras-chave: Projeto de Extensão; Educação Sexual; Adolescentes; Tabus.

INTRODUÇÃO

A sexualidade é a parte inerente da vida humana, sendo tratada como algo divino na Bíblia. No entanto, a moralidade tradicional transformou a sua prática fora do casamento como sinônimo de promiscuidade, criando tabus que afetam negativamente a

[1] Graduando do Curso de Medicina da Universidade Atenas, Porto Seguro- BA, ananneves80@gmail.com;
[2] Professor Orientador: Doutor, Faculdade de Medicina - Atenas - Porto Seguro – BA, joaoneto.professor@uniatenas.edu.br;

sociedade, mais especificamente adolescentes. A ausência de Educação Sexual no ambiente familiar, pode ter consequências profundas e duradouras para o desenvolvimento dos indivíduos. Esse silêncio pode gerar insegurança em relação aos próprios corpos e identidades sexuais, perpetuando mitos e desinformação. Além disso, a falta de comunicação sobre esse tema pode reforçar tabus e preconceitos, dificultar o estabelecimento de relacionamentos saudáveis e comprometer a saúde reprodutiva, como a alta taxa de prevalência de ISTs e gravidez precoce indesejada.

A sexualidade pode ser vista como um fenômeno cultural além de uma experiência biológica, sendo influenciada por fatores sociais e políticos. Ela se relaciona com dinâmicas de poder envolvendo classe, raça e, sobretudo, gênero. Segundo Mottier (2008), entender a sexualidade implica necessariamente analisar como ela é estruturada a partir das normas sobre o que é considerado “apropriado” para os comportamentos masculinos e femininos (apud GUERRA et al.,2018).

Contudo, ao passo que essa vertente apresenta grande importância no contexto psicossocial, a sua abordagem é complexa, visto que é necessário criar um ambiente de comunicação livre com estabelecimento de confiança, sem estigmas e julgamentos enraizados, o que é um desafio significativo para pais e adolescentes, principalmente por razões históricas-culturais, que influenciados por questões religiosas ou pelo patriarcalismo, impõem normas rígidas sobre os comportamentos sexuais, especialmente para mulheres, limitando a liberdade e a expressão sexual (PEREIRA, 2013).

Nesse contexto, para a construção de vínculos com o público escolhido, objetivando sanar essas lacunas frente a essa temática, foi aplicada a metodologia de ensino ativo, em que os alunos eram o centro da aprendizagem. A partir do momento em que os ministrantes da roda de conversa não foram encarados como uma autoridade de supressão, os jovens foram estimulados a desenvolverem autonomia o que permitiu a formação de ambiente educacional colaborativo.

A priori, com a utilização de slides, bem como, peças anatômicas do sistema reprodutor feminino e masculino, foi realizada uma sondagem a respeito do conhecimento prévio dos alunos sobre região íntima, e foi perceptível o déficit de conhecimento a respeito da própria genitália. A atribuição de nomes infantilizados para

a área genital, ainda empregado na infância, a fim de diminuir o desconforto em relação ao corpo humano, potencializa a ideia de ser um assunto proibido, perpetuando o ciclo de desinformação.

Nessa perspectiva, dado que a dificuldade estava na base, ficou explícito que muitos mitos sobre gravidez e ISTs foram sanados apenas com a aplicação básica da anatomia do corpo humano. A posteriori, abrangendo as temáticas supracitadas, foi salientado que a sexualidade tem se manifestado de forma cada vez mais precoce, e os jovens buscam respostas e orientações adequadas para lidar com suas dúvidas e preocupações.

Todavia, não obstante a abertura para o diálogo, ainda houve resistência e constrangimento para abordar certas perguntas em público, devido às normas culturais profundamente arraigadas. Essa dificuldade de comunicação intensificou a insegurança entre os adolescentes, evidenciando a necessidade de continuar promovendo um ambiente mais acolhedor e informativo para abordar a sexualidade de maneira eficaz e desmistificadora, com estratégias intersetoriais que fortaleçam o ambiente escolar e familiar como espaços seguros de diálogo e aprendizado (SOUZA, 2024). Dessa forma, eles estarão mais preparados para tomar decisões informadas e responsáveis, contribuindo para a promoção da saúde e bem-estar geral.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Por meio de uma pesquisa descritiva, foi aplicado um projeto de extensão em formato de roda de conversa, baseando-se em uma revisão integrativa de literatura (2019-2024) com os descritores "educação sexual" e "adolescentes". Para a apresentação do trabalho foi utilizado um slide, com imagens reais dos principais sintomas de ISTs, bem como, peças anatômicas da genitália feminina e masculina, para que fosse possível a explicação sobre higiene íntima e gravidez. Durante a conversa, também foi apresentado aos adolescentes os principais métodos contraceptivos existentes, orientado-os quanto ao seu uso, como por exemplo o uso da camisinha feminina e masculina.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A interação direta com os adolescentes, permitiu que houvesse uma reflexão sobre a educação sexual e seus impactos psicossociais na formação de um individuo, possibilitando um entendimento mais profundo das necessidades e preocupações dos adolescentes em relação à sua sexualidade. Observou-se que a falta de informação e comunicação aberta sobre o tema, corrobora o sentimento de insegurança e medo, perpetuando mitos e desinformações. Esse contexto evidencia a importância de uma educação sexual abrangente que não se limite apenas aos aspectos biológicos, mas que também inclua discussões sobre consentimento, respeito mútuo e diversidade de identidades e orientações sexuais.

Higa et al. (2015) indicam que a comunicação e o suporte emocional oferecido pela família e pela escola podem desempenhar um papel fundamental na preparação dos adolescentes para essa fase de forma mais consciente. Essas conclusões ressaltam a importância de uma educação sexual que não apenas informe sobre os riscos, mas também forneça ferramentas para o entendimento e a gestão das emoções e expectativas dos adolescentes (apud ALENCAR et al., 2008).

Ao fornecer um espaço seguro para que possam expressar suas dúvidas e preocupações, os adolescentes desenvolvem uma maior autoestima e confiança em relação aos seus corpos e identidades. A educação sexual também promove a capacidade de estabelecer relacionamentos interpessoais saudáveis, baseados no respeito e na empatia, essenciais para o bem-estar psicossocial.

A implementação de debates como esses, são imprescindíveis para a formação de uma comunidade mais segura sexualmente. Um exemplo que pode se equiparar a essa ocorrência se apresenta no relatório do Instituto Guttmacher (2018), no qual aponta que países com leis de aborto mais restritivas têm taxas de aborto mais altas, em contrapartida, países em que há a sua legalização, os índices são mais baixos. Isso deve-se ao fato de que associada a sua normatização, houve o melhor acesso a métodos contraceptivos e educação sexual, corroborando a redução da incidência de gravidezes indesejadas. Logo, se essa legalização já diminui o índice de incidências, agir na base,

visando preencher as lacunas desde a infância, promoveria impactos benéficos maiores dentro da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa destacou a importância da educação sexual para adolescentes como uma estratégia essencial para promover comportamentos seguros e conscientes em relação à sexualidade, visando à redução de riscos à saúde, tais como a incidência de infecções sexualmente transmissíveis e a gravidez precoce. O estudo demonstrou que uma abordagem educativa ampla e acolhedora facilita o entendimento dos jovens sobre sua saúde sexual e reprodutiva, promovendo uma visão mais equilibrada e informada sobre o tema.

Sigmund Freud, em suas análises psicanalíticas, observou que a educação tem uma função repressiva sobre a moral sexual, mas também desempenha um papel civilizador dos instintos sexuais. Embora Freud não tenha focado amplamente no ambiente escolar, ele reconheceu a escola como um importante espaço de interferência, que deve equilibrar a repressão da sexualidade com a ausência de limites (apud MORAES; BRÊTAS; VITALLE, 2018).

Para que as iniciativas de educação sexual sejam efetivas, é fundamental que ultrapassem a mera transmissão de informações biológicas e incluam também aspectos emocionais e sociais da sexualidade na adolescência. Programas intersetoriais, envolvendo escolas, famílias e profissionais de saúde, são cruciais para o desenvolvimento de uma educação sexual integral, que favoreça o bem-estar dos adolescentes e os auxilie na tomada de decisões.

Portanto, políticas públicas voltadas à educação sexual na adolescência são imprescindíveis para promover o desenvolvimento saudável dessa faixa etária. A implementação de programas contínuos e colaborativos, que integrem a atuação da enfermagem e outros profissionais de saúde, possibilita uma educação mais completa e humanizada, valorizando tanto a prevenção de riscos quanto o apoio ao bem-estar emocional e social dos jovens.

Assim, espera-se que as conclusões e recomendações apresentadas contribuam para a promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes e para o desenvolvimento de políticas públicas que favoreçam a inclusão e a igualdade de gênero, proporcionando um futuro mais saudável e informado para os jovens. Dessa forma, espera-se que os adolescentes estejam mais preparados para enfrentar os desafios da sexualidade de maneira segura e consciente.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, M. et al. A ausência de educação sexual no ambiente familiar e suas consequências. Revista de Ciências da Saúde, v. 20, n. 120, p. 30-45, ago. 2008.

GUERRA, V. M. et al. O Estudo da Sexualidade na Psicologia Social: Uma Perspectiva Brasileira. Universidade Federal do Espírito Santo, 2018.

GUTTMACHER INSTITUTE. Abortion rates go down when countries make it legal: report. New York: Guttmacher Institute, 2018. Disponível em: https://www.nbcnews.com/health/health-care/abortion-rates-go-down-when-countries-make-it-legal-report-n858476. Acesso em: 22 fev. 2025.

MORAES, S. P. de; BRÊTAS, J. R. da S.; VITALLE, M. S. de S. Educação escolar, sexualidade e adolescência: uma revisão sistemática. Journal of Health Sciences, v. 20, n. 3, p. 221-230, 2018.

PEREIRA, K. E. de A. Patriarcalismo, mulher e sexualidade na escola. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013.

SOUZA, A. A. de; MORAIS, I. A. Educação sexual na adolescência e seus impactos na formação de atitudes e comportamentos saudáveis: uma revisão integrativa. Revista de Ciências da Saúde, v. 29, n. 140, p. 11-25, nov. 2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/educacao-sexual-na-adolescencia-e-seus-impactos-na-formacao-de-atitudes-e-comportamentos-saudaveis-uma-revisao-integrativa/>. Acesso em: 19 fev. 2025.